



Emoções e Afetividade no Ensino-Aprendizagem de Inglês por Idosos¹

Emotions and affectivity in the teaching and learning of English by the elderly

Didiê Ana Ceni Denardi

Professora titular da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR – *Campus* de Pato Branco, <https://orcid.org/0000-0001-8073-8934>,
didiedenardi@gmail.com

Cássia Rita Sorgetz Pastore

Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR – *Campus* Pato Branco, <https://orcid.org/0009-0006-1396-6682>,
cassiapastore73@gmail.com

Francieli Bressiani Ferreira

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR – *Campus* Pato Branco, <https://orcid.org/0000-0002-3130-2031>, francieli.ferreira@escola.pr.gov.br

Resumo

O estudo apresentado neste artigo teve como objetivo compreender as percepções dos participantes adultos e idosos, que participaram do “Curso de Extensão Inglês para Idosos”, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), *Campus* Pato Branco em 2023, sobre as influências emocionais e afetivas na aprendizagem de inglês, como língua adicional. Os dados foram gerados por meio da aplicação de um questionário composto por 16 perguntas objetivas de múltipla escolha, concernentes ao perfil e conhecimento prévio dos aprendizes, bem como a fatores emocionais e afetivos que pudessem interferir na participação e aprendizagem destes aprendizes nas aulas de inglês. As respostas do questionário foram analisadas, com base nos estudos de Lima e Soares (2019), Adão (2013), Pereira (2005), dentre outros. Os resultados obtidos evidenciam que os aprendizes idosos sentiram-se bem, acolhidos em suas subjetividades e engajados no contexto de ensino de língua inglesa, como língua adicional, podendo desenvolver-se linguística, social e culturalmente.

¹ Este trabalho foi financiado pela Fundação Araucária por meio da bolsa de Extensão do Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social, Pesquisa e Extensão Universitária (PIBIS).



Palavras-chaves: Fatores afetivos e emocionais; Ensino-aprendizagem de inglês; Idosos, Curso de Extensão; UTFPR-*Campus* Pato Branco.

Abstract

The study presented in this article aimed to understand adults and seniors students' perceptions, who participated of the "English Course for Seniors" of Federal Technological University of Paraná, Pato Branco Campus in 2023, on the emotional and affective influences on the learning of English, as an additional language. Data were generated by means of the application of a questionnaire composed by 16 objective and multiple choice questions related to the senior students' profile and prior knowledge, as well as the emotional and affective factors that could influence students' participation and learning in the English classes. Answers of the questionnaire were analyzed based on the studies of Lima and Soares (2019), Adão (2013), Pereira (2005), among others. Results evidenced that the elderly learners felt well, welcomed in relation to their subjectivities and committed in the English classroom context, as additional language, able to develop themselves linguistically, socially and culturally.

Keywords: Affective and emotional factors; Teaching-learning English; Elderly learners; Extension Course; Federal Technological University of Paraná, Pato Branco Campus.

1 Introdução

Nas últimas décadas, muito devido à globalização e a tecnologia, temos observado a grande expansão da língua inglesa e sua consolidação como língua franca internacional, ou seja, é a língua que permite a comunicação por falantes não nativos no mundo inteiro. Sendo assim, é essencial aprendê-la para um maior entendimento e compreensão do mundo cada vez mais interconectado, e para isso não importa a idade, crianças, jovens, adultos e também idosos podem aprendê-la.

Com relação à aprendizagem de inglês por idosos, compreendemos que os idosos apresentam-se mais confortáveis e propícios à aprendizagem quando se encontram em ambientes de acolhimento nos quais suas individualidades e experiências de vida são valorizadas, uma vez que estudos comprovam que o envelhecimento humano pode acarretar certas limitações físicas e mentais (Brunnet, 2013), fazendo com que os idosos sintam-se menos privilegiados em muitos aspectos: na mobilidade, estímulo-resposta, memorização, etc.

O estudo² apresentado neste artigo teve como objetivo compreender as percepções dos participantes adultos e idosos do "Curso de Extensão Inglês para Idosos",

² Por questões de ética em pesquisa, informamos que o estudo aqui apresentado está vinculado ao Projeto de Pesquisa "Formação Inicial e Continuada de Professores de Inglês", da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Câmpus* Pato Branco, cujo parecer para pesquisa com seres humanos do Comitê de Ética em Pesquisa da UTFPR é de número 303284, de junho de 2023.



da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), *Campus* Pato Branco sobre as influências emocionais e afetivas na aprendizagem de inglês, como língua adicional.

Desse modo, organizamos esta pesquisa na seguinte sequência: A partir desta introdução, com base nos estudos de Arnold e Brown (2000), Morandi (2002), Pereira (2005), Sardo (2007), Lima e Soares (2019), dentre outros, procuramos discutir brevemente sobre os fatores afetivos e emocionais que interferem na aprendizagem de língua inglesa por idosos. Em um segundo momento, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados para a geração e análise de dados, seguidos de breve discussão dos dados à luz dos estudos já mencionados e apresentação dos resultados obtidos. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2 Fatores Influenciáveis no Processo de Ensino-Aprendizagem de Língua Adicional para Idosos

Segundo o censo demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE³, o aumento do número da população idosa no Brasil tem crescido de forma acelerada, passando de 11,3% em 2012 para 14,7%, em 2021, atingindo o número de 31,2 milhões de brasileiros. Brunnet (2013) afirma que é necessário que o idoso mantenha-se atualizado e em constante aprendizado para manter a longevidade mental e intelectual, uma vez que o processo de envelhecimento traz consigo desvantagens físicas e mentais.

Com relação às desvantagens físicas, podemos dizer que a mobilidade e agilidade diminuem com a idade. Nahas (2006) afirma que o processo de envelhecimento pode ser determinado pela perda funcional progressiva que ocorre de forma gradual, universal e irreversível com o avançar da idade. Já segundo Mazo *et al.* (2004), com o processo natural de envelhecimento se verifica uma diminuição na capacidade funcional de cada sistema. Com relação às desvantagens mentais, destacamos que nosso cérebro, por ser um órgão que está em constante mudança, influenciado por fatores internos e

³ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), a população idosa brasileira representa 14,7% da população residente no Brasil em 2021, ou seja, 31,23 milhões de pessoas estão com 60 anos ou mais, números representados pelo aumento de 39,8% considerando os últimos 10 anos.



externos, apresenta retração, estagnação ou evolução, dependendo dos estímulos de nutrição ao qual é submetido (Lima, 2001).

Segundo Lima (2001, p. 21) “os especialistas não acreditam que os genes determinam o destino do cérebro. Fatores ambientais, entre eles alimentação, educação, estilo de vida, também têm grande influência sobre o funcionamento mental”. Ainda segundo Lima (2001), precisamos considerar os apontamentos feitos pelos neurocientistas, pois o cérebro é surpreendente na sua plasticidade e elasticidade mutável, visto que podemos gerar novas células em diferentes momentos da vida.

Cada vez mais questões relacionadas às emoções estão sendo discutidas e analisadas no âmbito da educação, como vê-se em: “A literatura cada vez mais aponta para a importância das emoções [...]” (Pereira, 2005, p. 24), uma vez que as emoções fazem parte e influenciam demasiadamente na relação com a saúde mental e a saúde do corpo como um todo.

O papel das emoções no desempenho do indivíduo e no processo do aprendizado é indiscutível. Para os idosos, quanto maior o seu envolvimento nas atividades propostas melhor será sua performance para executar, resolver e aprender, fazendo com que sua memória retenha por mais tempo as informações adquiridas e processadas (Cachioni, 2003, p.153 *apud* Pereira, 2005, p. 28).

Segundo Fonseca,

As emoções no seu aspecto mais abrangente encerram, em paralelo, aspectos comportamentais positivos e negativos, conscientes e inconscientes [...] cuja importância na aprendizagem e nas interações sociais é de crucial importância e relevância (2016, p. 366).

Conforme estudiosos da área de Linguística Aplicada, alguns fatores precisam ser levados em conta quando se trata da aprendizagem de uma nova língua. como a Hipótese do Período Crítico proposta por Lenneberg (1967, *apud* Santana, 2004), que considera que a idade do indivíduo é extremamente relevante para a aprendizagem, pois há um período que o ser humano está mais sensível à aquisição da linguagem. Lenneberg (1967, *apud* Santana, 2004) defende, que é no Período Crítico inicia por volta dos dois anos de idade), que os seres humanos possuem maior capacidade de aprendizagem de uma nova língua até acontecer a puberdade (12/13 anos), ou seja, é um



período em que alguns sistemas neurais estão mais suscetíveis à plasticidade, tornando a aprendizagem de línguas mais rápida e eficaz.

Contudo, consideramos outros fatores mais prejudiciais quando o assunto é aprendizagem de línguas, como as crenças (Sé *et al.*, 2004), os emocionais (Morandi, 2002) e os afetivos (Sardo, 2007). As crenças de que ser idoso é ser alguém que já fez o que deveria ter feito e não precisa mais aprender, pois não continuará trabalhando, traz o pensamento que não é relevante adquirir novos conhecimentos, pensando que não os ajudará. Esse julgamento pode ocasionar mudança de comportamento nos idosos, contribuindo para o processo de envelhecimento e desenvolvimento de doenças, trazendo sentimentos negativos e diminuição da capacidade de memória. As crenças podem mudar de pessoa para pessoa, mas na maioria das vezes trazem um peso considerável para os idosos, conforme cita Sé *et al.* (2004, p. 150), as crenças “são mediadores cognitivos; elas são formadas na relação do indivíduo com aspectos culturais e sociais e são construídas por meio das avaliações e percepções das situações vividas por cada um”.

Quando essas crenças são deixadas de lado, a capacidade de um idoso aprender uma língua estrangeira, se equipara à capacidade de uma criança ou jovem, pois além da experiência e a motivação que o está levando a aprender a língua, ele conta com a qualidade do período disponível para estudar com a assiduidade e comprometimento que dedica a esse propósito. Segundo Morandi (2002, p. 45),

[...] quando participante de um treinamento, o idoso se envolve mais e tem maior grau de acuidade e de concentração do que os jovens. Por conseguinte, no intuito de evitar erros, o idoso sacrifica a velocidade em benefício da precisão daquilo que faz. O que parece existir é uma redução natural da ação mental e da velocidade sensoriomotora motivadas pelo retardo que se verifica dentro do sistema nervoso central do indivíduo. Podemos dizer, então, que o desempenho mais lento de uma pessoa idosa em certas tarefas não é devido à perda de capacidade, mas ao modo de funcionamento mais lento do seu sistema nervoso.

Nesse sentido, podemos depreender que por mais que a capacidade do idoso esteja relacionada com a velocidade que se aprende, consideramos que a paciência para conseguir o resultado esperado é tão importante quanto o motivo pelo qual se quer aprender mais uma língua.

Outros fatores relacionados a emoções e afetos, também são responsáveis pelo resultado no processo ensino aprendizagem. Morandi (2002) cita a auto-estima e os



seus geradores, ou seja, pontua a segurança financeira, o apoio e convívio cotidiano com a família, evitando assim o isolamento social, bem como a saúde física e psicológica que afetam diretamente o resultado objetivado pelo aprendiz.

Todos esses fatores ajudam na prevenção de doenças psicológicas, como a depressão e o Alzheimer, pois os fatos psicossociais com os quais precisam lidar nesse período são, consideravelmente, sem precedentes na maioria das vezes. Um deles é a própria aposentadoria, inevitável e essencial para este período. Outro, é o ajustamento familiar nos padrões financeiros e na influência dos filhos nas decisões relacionadas ao idoso. Ainda contamos com a possibilidade de perdas, não somente financeiras, mas principalmente afetivas, quase sempre não entendidas e aceitas, como cita Morandi (2002, p. 49), especialmente em relação ao luto.

Uma pessoa idosa deve lidar com a tristeza de múltiplas perdas (morte do cônjuge, de amigos, familiares e colegas), mudança de status e prestígio profissional, declínio das habilidades físicas e da saúde. As perdas fazem com que essas pessoas gastem quantidades imensas de energia emocional e física na reação de luto.

Sendo assim, Morandi (2002) pontua a afetividade como um fator importantíssimo para o desenvolvimento e evolução da aprendizagem. A afetividade é tida como aliada da cognição, sempre que as emoções forem controladas e as situações da vida forem tratadas com maior naturalidade, contribuirá para que o aprendiz se sinta melhor consigo mesmo e permita-se viver a aprendizagem de mais uma língua.

Quanto maior for o envolvimento do idoso durante as aulas, maior será a sua aprendizagem, pois a interação que acontece entre professores e alunos ou alunos com alunos contribui para o desenvolvimento da empatia e aumento da confiança entre o grupo. Para Sardo (2007, p. 32)

Situações de maior ou menor favorecimento da aproximação entre afetividade e cognição têm gerado comportamentos peculiares dentro e fora de sala de aula, os quais tomando por base em alguns aspectos como a atitude e a personalidade do aluno, a empatia com colegas e com o professor e a sua motivação.



A empatia surge nos momentos em que o aluno relata um fato acontecido ou nas atividades apresentadas para serem desenvolvidas, ou seja, na forma de falar e ouvir do professor e no senso de autoridade.

Devemos lembrar que o ensino de uma língua é diferente dos demais componentes curriculares, pois sempre estará presente à insegurança e a tensão, resultado da ansiedade vivenciada durante a aula, conforme a seguinte explicação:

Existem poucas disciplinas do currículo, talvez nenhuma, que seja tão propensa à ansiedade como a aprendizagem de línguas estrangeiras e de segundas línguas. A atitude de expressar-se diante dos demais com um veículo linguístico não estável supõe uma grande quantidade de vulnerabilidade. Em alguns casos é possível que a metodologia utilizada possa produzir maior ansiedade (Arnold; Brown, 2000, p. 13) (Tradução nossa⁴).

Considerando o exposto até aqui, precisamos fazer uma análise constante sobre o desenvolvimento das aulas de ensino de línguas e entender que o processo de ensino aprendizagem ultrapassa as paredes da sala de aula e que na maioria das vezes os resultados positivos só virão se mantermos o nosso olhar no idoso e nas suas individualidades, se quisermos ter êxito no ensino-aprendizagem de uma nova língua, em nosso caso, a língua inglesa. Para Ceroni (2011 *apud* Ceroni, 2017), programas de ensino para adultos maduros e idosos refletem na atual sociedade um novo jeito de envelhecer, associando-os a um espaço de socialização e de construção de novos saberes.

3 Aspectos Metodológicos

O estudo qualitativo aqui apresentado teve como objetivo principal compreender as percepções dos participantes adultos e idosos, que participaram do “Curso de Extensão Inglês para Idosos”, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), *Campus* Pato Branco em 2023, sobre as influências emocionais e afetivas na aprendizagem de inglês, como língua adicional. A turma era composta por 12 participantes, dez moradores da cidade de Pato Branco e duas pessoas da cidade vizinha

⁴ Existen pocas disciplinas en el currículo, tal vez ninguna, que sean tan propensas a la ansiedad como el aprendizaje de lenguas extranjeras y de segundas lenguas. El intento de expresarse delante de los demás con un vehículo lingüístico inestable supone una gran cantidad de vulnerabilidad. En algunos casos es posible que la metodología utilizada pueda producir mayor ansiedad (Arnold; Brown, 2000, p. 13).



de Vitorino-PR, seis homens e 6 mulheres, de idade entre 48 a 72 anos. Inicialmente, a proposta era de que as aulas fossem abertas somente às pessoas da terceira idade - de acordo com a Lei nº 10.741, de 2003, é considerado idoso(a) o(a) cidadão que possuir idade igual ou superior a 60 anos - no entanto, a procura pelos estudantes da terceira idade foi baixa, sendo assim, as aulas foram abertas para pessoas acima de 40 anos e que possuíssem interesse por aprender a língua.

No quesito trabalho, a maioria (58,3%) dos discentes ainda trabalhava, um (8,3%) estava aposentado, mas continuava trabalhando, e uma pequena parcela (25%) não trabalhava pois já estava aposentada, e outro (8,3%) nunca trabalhou com vínculo empregatício.

Com relação ao nível de escolaridade, a grande maioria dos participantes (75%) tem Ensino Médio completo, dois (16,7%) tem graduação e apenas um possui pós-graduação (8,3%). Também perguntamos aos participantes se já haviam estudado inglês antes do curso de extensão e porque buscaram o curso de extensão, ao que 91,7% responderam que já haviam estudado inglês na escola; e 50% responderam que se inscreveram no curso para se qualificarem pessoalmente, outras respostas sobre esse último item com menor percentual foram para viajar para o exterior e para entender textos em inglês.

Com relação aos docentes, a equipe era formada por três professoras. A professora coordenadora do projeto de extensão no qual o “Curso de Extensão Inglês Básico para Idosos” está vinculado, uma professora voluntária e a bolsista⁵ do projeto de extensão.

A geração de dados ocorreu a partir de observações de aulas e tomadas de notas pela bolsista no período de março a junho de 2023, e da aplicação de um questionário aos participantes do curso. O questionário é organizado em duas partes. A primeira parte é constituída por seis questões sobre os dados pessoais e conhecimento prévio dos participantes, cujas respostas foram usadas para compor o perfil da turma, conforme já apresentamos em parágrafos anteriores.

As respostas das questões da segunda parte do questionário se constituem de

⁵ No período de observação e coleta de dados para a realização da pesquisa, uma das professoras era bolsista da Fundação Araucária e recebeu bolsa de Extensão do Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social, Pesquisa e Extensão Universitária (PIBIS) de outubro de 2022 a setembro de 2023.



10 perguntas objetivas e de múltipla escolha, porém apenas respostas das questões diretamente relacionadas à temática foram usadas na análise. Dessa forma, cinco questões do questionário anônimo buscou compreender como cada estudante percebia sua participação em sala de aula, bem como percebia suas motivações, inseguranças e sua relação com a aprendizagem da nova língua.

Para a análise interpretativista das respostas do questionário relacionadas aos fatores emocionais e afetivos dos participantes, nos baseamos nos estudos de Arnold e Brown (2000), Morandi (2002), Pereira (2005), Sardo (2007), Lima e Soares (2019), dentre outros, como veremos a seguir.

4 Análise e Discussão de Dados

Considerando o objetivo do estudo aqui apresentado, que foi o de “compreender as percepções dos participantes adultos e idosos sobre as influências emocionais e afetivas na aprendizagem de inglês, como língua adicional”, usaremos as respostas de cinco das questões da segunda parte do questionário, concernentes ao nível de produtividade; nível de cansaço; nível de estresse; nível de felicidade; e nível de aprendizagem. Dessa forma, será possível acessar as percepções dos participantes sobre a aprendizagem da língua inglesa com relação à qualidade do dia, bem como, entender melhor os seus diferentes sentimentos no dia da aplicação do questionário.

Dentre as questões aplicadas nesse dia específico, objetivamos pela prevalência e categorização do questionário para: a) nível de produtividade que o discente teve durante o dia; b) nível de cansaço; c) nível de felicidade; d) nível de estresse, que o aluno estava sentindo durante a aula; e) nível de aprendizagem que aluno percebeu ter atingido durante aquela aula. Para cada um dos fatores, os participantes avaliaram seus níveis em uma escala de 0 (zero) a 10 (dez), em que 0 (zero) representaria a nulidade do fator, 1 e 2 correspondentes ao nível fraquíssimo, 3 e 4 correspondem ao nível fraco, 5 e 6 correspondem ao nível médio, 7 e 8 correspondem ao nível bom, e 9 e 10 correspondem ao nível excelente.

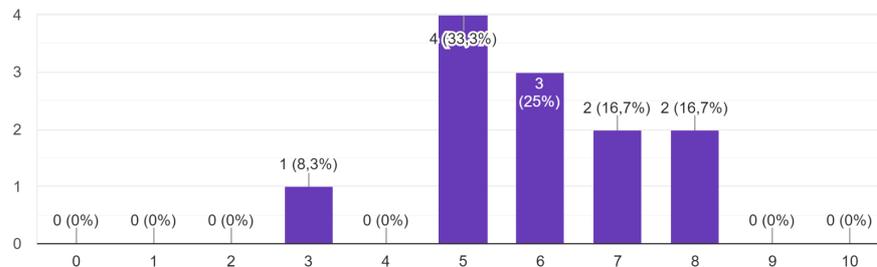
Observemos as respostas para a primeira questão concernente ao fator de produtividade dos participantes no Gráfico 1.



Gráfico 1. Produtividade dos Participantes

De 0 a 10, qual o nível de produtividade você considera ter alcançado no dia de hoje?

12 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

A partir do Gráfico 1, em ordem crescente, um aluno (8,3%) afirmou ter sido produtivo no nível 3, quatro estudantes (33,3%) responderam ter chegado ao nível 5 de produtividade, três discentes (25%) chegaram ao nível 6, dois discentes (16,7%) afirmaram terem chegado ao 7 de produtividade e outros dois estudantes (16,7%) responderam ter alcançado o nível 8. Dessa forma, 58,3% dos participantes disseram ter atingido o nível médio de produtividade, enquanto que 33,4% deles perceberam ter atingido o nível bom.

Para que a aprendizagem de fato ocorra, faz-se necessário que haja atenção por parte do aluno, no entanto, a atenção também depende de outros fatores, como as emoções e sentimentos que o estudante apresenta. À vista disso, o contexto educativo, para além da simples produtividade e rendimento, depende de alguns fatores que podem aumentar ou diminuir os níveis de aprendizado. Como afirma Bernardo (2018):

[...] ainda que, o aprendente se depare com algumas dificuldades durante o processo, independente da idade ou contexto em que ocorra, visto que existem vários fatores envolvidos, tais como, motivação, interesse, necessidade, adaptação, estratégias de aprendizagem entre outros (p. 07).

Em nosso caso, consideramos a percepção um nível bom de produtividade como um dos fatores que pode inferir positivamente nas emoções e na relação com o ensino e aprendizagem dos aprendizes.

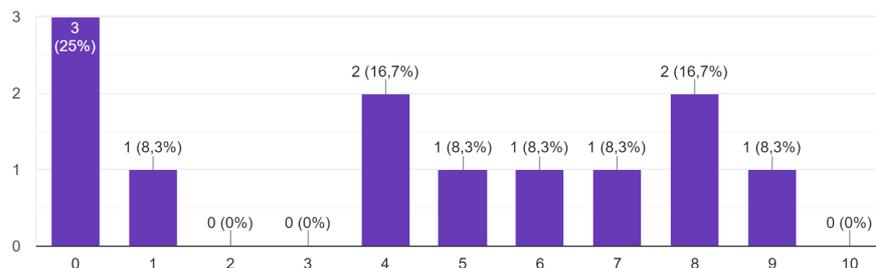


A segunda questão refere-se ao nível de cansaço que os estudantes estavam sentindo no momento de responder ao questionário, conforme Gráfico 2.

Gráfico 2. Nível de Cansaço dos Participantes

De 0 a 10, qual o nível de cansaço que você está sentindo agora?

12 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Quanto ao nível de cansaço dos participantes, houve uma grande diversidade de respostas, variando do nível 0 ao nível 9. Três alunos (25%) responderam não estar sentindo cansados; um aluno (8,3%) colocou estar sentindo cansaço no nível 1; dois discentes (16,7%) assinalaram o nível 4; os níveis 5, 6 e 7 tiveram uma resposta cada; dois alunos (16,7%) que assinalaram o nível 8; e apenas um (8,3%) anotou estar sentindo cansaço no nível 9.

Se levarmos em conta o nível 5 como marco para diferenciar o nível baixo do nível alto de cansaço, entendemos que a turma ficou dividida pela metade (50% cada lado). Se, por outro lado, somarmos os resultados dos níveis 7 a 10 da escala como níveis alto e muito alto de cansaço, teremos 33,3% de participantes cansados. O cansaço, por sua vez, relaciona-se ao trabalho e ao próprio dia-a-dia da pessoa, e, como já analisamos acima, a majoritária parte da turma ainda trabalha, fator este que influencia diretamente nos níveis de produtividade, cansaço, felicidade e estresse, que, por fim, relacionam-se e influenciam diretamente na aprendizagem. Como afirmam Lima e Soares,

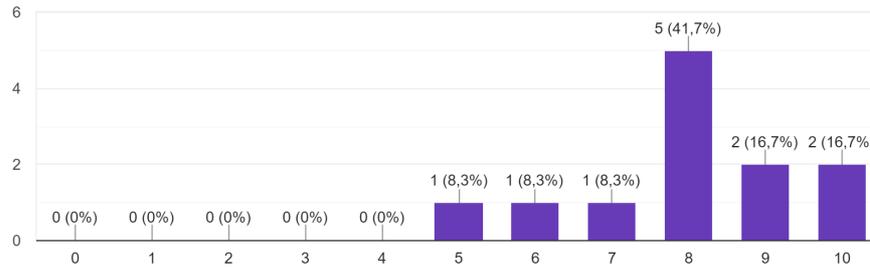
[...] muitas situações que podem interferir no processo de ensino - aprendizagem na vida do adulto com frequência são decorrentes ou estão relacionadas ao trabalho, como o estresse, que, independentemente do ramo de atividade, faz-se presente na vida dos trabalhadores (2019, p. 236).



Passamos para a terceira pergunta relacionada ao nível de felicidade dos participantes, conforme o Gráfico 3.

Gráfico 3. Nível de Felicidade dos Participantes

De 0 a 10, qual o nível de felicidade você considera ter sentido durante o dia de hoje?
12 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Na questão sobre os níveis de felicidade sentidos e percebidos pelos participantes, as respostas iniciaram no nível 5, que um aluno respondeu (8,3%); outros dois estudantes (8,3% cada) afirmaram, respectivamente, estar sentindo níveis 6 e 7 de felicidade; cinco pessoas (41,7%), responderam estar sentindo o nível 8 de felicidade; outros dois discentes anotaram o nível 9 (16,7%); e outros dois (16,7%) afirmaram estar sentindo o nível máximo (10) de felicidade no dia da aplicação do questionário. Novamente neste quesito, se somarmos os resultados dos níveis de 7 a 8 da escala, teremos um percentual de 50% dos participantes que disseram se sentir felizes e dos níveis 9 a 10, teremos 33,4% de participantes muito felizes no final da aula na qual responderam ao questionário. Em resumo, 83,4% dos participantes percebem-se felizes.

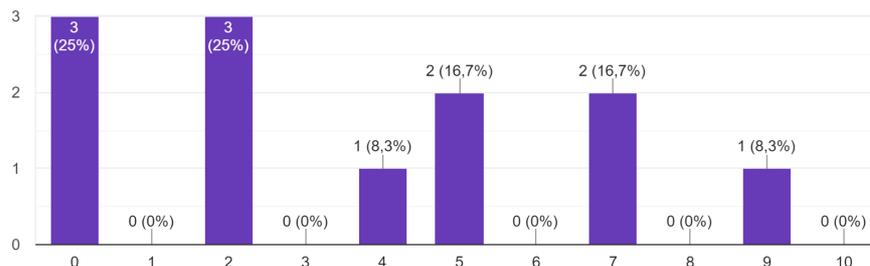
Desta forma, percebemos que as emoções e sentimentos dos alunos influenciam e são parte fundamental para que ocorra o aprendizado. Conforme destaca Pergher *et al.* (2008) citado por Adão (2013), se uma pessoa estiver feliz, ela recordará mais facilmente das memórias referentes a este estado de humor. Sendo assim, em nossa pesquisa, os estudantes apresentaram um nível de felicidade considerado bom, desta forma, espera-se que o seu aprendizado também tenha sido maior em virtude dos níveis de felicidade terem sido altos.



Também, perguntamos na questão quatro sobre o nível de estresse dos participantes, conforme observamos respostas no Gráfico 4.

Gráfico 4. Nível de Estresse dos Participantes

De 0 a 10, qual o nível de estresse que você considera ter sentido durante o dia de hoje?
12 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Os níveis de estresse registrados no formulário foram de 0 a 9. Três alunos (25%) responderam não ter sentido nenhum tipo de estresse no dia; outros três (25%) colocaram ter sentido estresse, mas pouco, no nível 2; 1 (8,3%) respondeu ter sentido estresse no nível 4; outros dois (16,7%) disseram sentir o nível 5 de estresse; dois alunos (16,7%) sentiram estresse no nível 7; e um (8,3%) respondeu ter chegado quase ao limite, no nível 9. Somando os níveis baixos (de 0 a 4) de estresse dos participantes, teremos 58,3% dos participantes pouco estressados.

Tanto o nível de cansaço quanto o nível de estresse podem interferir de maneira significativa e negativa no aprendizado dos estudantes. Apesar disso, essas emoções não resumem a qualidade do dia ou deixam o estudante sem vontade de comparecer às aulas de inglês. Contrariamente, os adultos e idosos que participam do curso de extensão são assíduos e muitos, apesar de se dizerem cansados, ainda possuem vontade de estudar e aprender a nova língua.

Camelo e Angerami (2004), citados por Lima e Soares (2019), afirmam que alguns dos sinais físicos psicológicos que podem ser desencadeados pelo constante nível de estresse pode gerar inúmeros outros problemas, entre eles, a angústia, tensão, ansiedade, insônia e até mesmo a falta de concentração. Embora nossos estudantes, em sua maioria, apresentaram um baixo nível de estresse no dia, é necessário que se tenha



atenção quanto ao esgotamento físico e emocional, visto que podem interferir demasiadamente na saúde destas pessoas.

Apesar das dificuldades comumente enfrentadas nas aulas de inglês, os alunos relatam que se sentem motivados a vir para as aulas, por mais que estejam cansados, sabem que esse é um momento de aprendizagem, mas que acima de tudo conseguem descontraír e que o ambiente da sala de aula faz com que renovem as energias e a vontade de aprender aumente. Pereira (2005, p. 58) afirma que

(...) o contato social é uma importante fonte de prazer e de apoio emocional e prático para adultos idosos, a busca de informações novas e úteis se dá através da seleção de contatos sociais para satisfazer as suas necessidades e intenção de trocas.

Logo, percebe-se que o ambiente acolhedor e a interação com outras pessoas interferem positivamente na qualidade de vida dos discentes, resultando, assim, na vontade de comparecer às aulas e, conseqüentemente, num maior aprendizado.

Vale ressaltar também que na maioria das aulas do curso, primamos pelo bom entrosamento entre os alunos. Quando assuntos correlacionados ao conteúdo/temática da aula surgem, procuramos engajar os aprendizes nas discussões, usando para isso a língua portuguesa. Assim, os participantes se sentem à vontade para tecer comentários e reflexões, contar suas experiências de vida e participar ativamente das discussões. Conforme Lima e Soares (2019),

O educando, ao ingressar em uma sala de aula, não deixa “a vida lá fora”, como se fossem partes separadas da sua existência ou como um “arquivo” a ser “apagado” ou “guardado”. Sua vida como discente não é uma vida paralela, ela faz parte de todo um grupo diversificado de atividades e responsabilidades que compõe a vida do educando integralmente (p. 248).

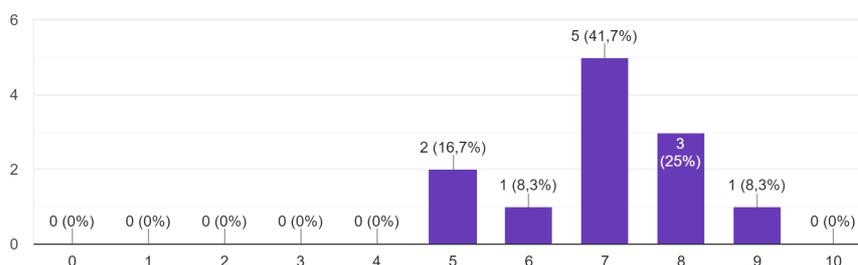
Com base nessa premissa, torna-se necessário analisarmos a vida e emoções do discente, tendo em mente que é fundamental que o ensino em sala de aula seja adequado ao seu ritmo e possa lhe dar uma certa autonomia para que a sala de aula seja um ambiente agradável e, conseqüentemente, sirva como um estimulador de sensações boas resultando em aprendizagem.



E, assim, passamos para a quinta questão que objetiva conhecer o nível de aprendizagem do conteúdo trabalhado no dia da pesquisa, cujas respostas encontram-se no Gráfico 5, a seguir.

Gráfico 5. Nível de Aprendizagem do Conteúdo

Com relação ao conteúdo trabalhado na aula de hoje, de 0 a 10, quanto você considera ter aprendido?
12 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Com relação ao nível de aprendizagem do conteúdo trabalhado na aula daquele dia, é importante mencionar que a aplicação do formulário ocorreu após a primeira metade da aula, na qual as professoras haviam revisado conteúdo anteriormente estudados pelos os alunos. Nesse quesito, dois estudantes (16,7%) responderam que consideram ter atingido o nível 5, ou seja, obtiveram 50% de aprendizagem, um (8,3%) respondeu ter chegado ao nível 6; cinco alunos (41,7%) assinaram o nível 7; três (25%) colocaram ter chegado ao nível 8 e um estudante (8,3%) assinalou o nível 9. Em resumo, nos fatores de aprendizagem de bom a excelente, nos níveis 7, 8 e 9, o percentual de participantes que percebem que aprenderam nesses níveis é de 75%.

A partir dos estudos de Lima e Soares (2019), Pereira (2005), Adão (2013), dentre outros, podemos inferir que quanto menor o nível de estresse dos aprendizes, maior será o nível de aprendizagem e vice-versa. Sendo assim, procuramos somar, individualmente, nos fatores cansaço e estresse, os valores correspondentes aos níveis de 0 a 6, ou seja, de pouco a médio nível de cansaço e estresse respectivamente, e obtivemos o percentual de 66,6% dos participantes com pouco ou médio cansaço (e 33,3% com alto nível de cansaço). Já, o percentual de 75% dos participantes com pouco ou médio estresse (e 25% com alto nível de estresse).



Ao contrário, procuramos somar o percentual de respostas sobre os fatores positivos para aprendizagem como produtividade e felicidade a partir do nível 7 ao 10 da escala como níveis altos, obtendo 51,4% de respostas para o fator produtividade e 83,4 % de respostas para o fator felicidade. Ainda, no fator aprendizagem, obtivemos o percentual de 85 % na soma dos níveis 7, 8 e 9, considerados níveis altos. A partir desses percentuais, podemos inferir que na ocasião da aplicação do questionário, nossos participantes perceberam-se pouco cansados e estressados e produtivos e felizes, bem como perceberam ter atingido bom a excelente nível de aprendizagem da língua inglesa.

Entendemos que a percepção da aprendizagem de um conteúdo ou outro pelos participantes é algo individual e indiscutível, ou seja, opiniões, percepções, crenças são de natureza subjetiva. No entanto, como visto acima, a aprendizagem depende de vários fatores, dentre eles: a qualidade de vida do indivíduo, as emoções, o conteúdo, e o próprio local de estudo.

Como afirmam Lima e Soares (2019), as instituições de ensino e os educadores precisam entender o aluno não apenas como um estudante, mas também como um ser humano que possui uma vida complexa, logo, faz-se necessário que o professor seja um facilitador do processo de ensino e não um “dificultador” da aprendizagem. Com base nisso, é essencial que entenda-se que o local e a própria aprendizagem seja voltada ao grupo em específico que se deseja trabalhar, tendo em vista que cada aluno é um ser diferente e que apresenta suas próprias características.

Pode-se perceber que a aprendizagem está diretamente ligada a fatores externos e internos ao ser, e que também são fontes e princípios essenciais para a aquisição da linguagem. Além disso, o fato de estarem inseridos em um grupo de estudos, faz com que eles tenham a sensação de pertencimento àquele lugar, como percebe-se em: “o aprendizado desperta sentimentos de bem-estar e dá a esses idosos um motivo pra sair de casa, além de os influenciar a comportamentos saudáveis” (Pereira, 2005, p. 69). Ademais, conforme afirmam os autores, o processo de aprendizagem de uma língua adicional deve contribuir para o crescimento pessoal e emocional dos estudantes, e esse processo pode acontecer nas mais diferentes idades.

Levando em conta os resultados obtidos em nossa pesquisa, podemos inferir que fatores emocionais e afetivos dos estudantes podem influenciar no ensino e



aprendizagem de ILA. Entendendo, assim, que o estímulo associado a um modo de vida saudável e leve propicia ao estudante um ritmo maior e mais eficaz de aprendizagem.

5 Considerações Finais

Considerando as premissas de que o estar bem emocionalmente e a afetividade influenciam a aprendizagem e aquisição de uma nova língua, em nosso caso a língua inglesa, por parte de adultos e idosos, neste estudo, de natureza qualitativa, procuramos compreender como nossos participantes adultos e idosos se encontravam emocionalmente no final de uma aula de inglês como língua adicional. Para isso, solicitamos que eles respondessem a um questionário com questões objetivas e de múltipla escolha sobre seus sentidos e sentimentos e qualidade de aprendizagem em um dia específico. Especificamente, os participantes foram solicitados a responder as questões sobre os níveis de produtividade, cansaço, estresse, felicidade, e aprendizagem de conteúdo curricular, a partir de uma escala de 0 a 10, (em que 1 seria o nível mais baixo/fraco e 10, o nível mais forte/alto, enquanto que o 0 (zero) representaria a nulidade do fator).

A partir de nossa análise e de forma geral, podemos inferir que nossos participantes percebem-se bem, acolhidos em suas subjetividades e engajados no contexto de ensino de língua inglesa, como língua adicional, podendo desenvolver-se linguística, social e culturalmente.

Ainda, é importante salientar que o estudo aqui apresentado se refere a uma pesquisa qualitativa que se utilizou de dados quantitativos para mensurar fatores emocionais e afetivos e que a fizemos assim por questões de limitação de tempo. Nesse sentido, o estudo não deve ser entendido como pesquisa quantitativa em nenhuma hipótese. Temos clareza que para realizar uma pesquisa quantitativa precisamos elaborar um método rigoroso para coletar os dados e analisá-los estatisticamente, bem como obter amostra de uma população maior. Ainda, entendemos sua importância com relação a imparcialidade na interpretação dos dados, bem como na sua replicabilidade.

Nesse viés, intentamos em um próximo estudo realizar uma pesquisa quali-quantitativa (Creswell, 2007), buscando respostas mais efetivas para a questão da



influência das emoções e afetividade para a aprendizagem da língua inglesa, como língua adicional, para aprendizes idosos, bem como esperamos que este estudo possa contribuir para a áreas de ensino-aprendizagem e formação de professores de inglês para aprendizes idosos.

Referências

- ADÃO, A. N. A ligação entre memória, emoção e aprendizagem. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XI., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://prp.usp.br/wp-content/uploads/sites/393/2019/07/Mem%C3%B3ria-e-aprendizagem.pdf>. Acesso em: 03 set. 2023.
- AGÊNCIA INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021**. [S. l.]: Estatísticas Sociais, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>. Acesso em: 16 ago. 2023.
- BERNARDO, C. P. M. **Aprendizagem em língua estrangeira: a construção de saberes no envelhecimento**. 2018. 27 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicopedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12098/1/CPMB19062018.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- BRASIL. **Lei n. 10.471, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741compilado.htm. Acesso em: 12 ago. 2023.
- BRUNET, A. E. *et al.*, Práticas sociais e significados do envelhecimento para mulheres idosas. **Pensando fam.[online]**. Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 99-109, jul. 2013. ISSN 1679-494X. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 de ago. 2023.
- CERONI, D. C. “**Aprender é tudo !**” Os significados da aprendizagem e da não aprendizagem de adultos maduros e idosos. 2017. 112 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170333/001052213.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 set. 2024.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 296 p.
- FONSECA, V. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. ISSN 0103-8486. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 ago. 2023.



JORDÃO, C. M. ILA – ILF – ILE – ILG: Quem dá conta? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p.13-40, 2014.

LIMA, C. F.; SOARES, A. J. C. Estresse, atenção e efeitos na aprendizagem de adultos: dados da literatura. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 235-253, 2019.

LIMA, M. P. Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: KACHAR, V. (org.). **Longevidade**. Um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001. cap. 1, p.15-25.

MARZARI, G. Q.; DOS SANTOS, C. G.; ZIMMER, M. C. Estratégias de preservação cognitiva em indivíduos idosos: o papel da aprendizagem de uma língua estrangeira. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 103-124, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/download/12221/8835/50774>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MAZO, G. Z.; LOPES, M. A.; BENEDETTI, T. B. **Atividade física e o idoso**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, p. 248, 2004.

MORANDI, J. **Fatores biopsicossociais de adultos em idade avançada e o ensino de língua estrangeira**: subsídios para o professor. 2002. 138 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 4ª ed. Londrina: Midiograf, 2006. 354p.

NASCIMENTO, F. A.; *et al.* Como entender as principais teorias da LE. **Solettras revista**, São Gonçalo, Ano VIII, n. 15, p. 2008. DOI: <https://doi.org/10.12957/solettras.2008.4993>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/solettras/article/view/4993>. Acesso em: 21 ago. 2023.

PEREIRA, E. T. **O idoso e o aprendizado de uma nova língua**: o descortinar de trocas sociais e afetivas. 2005. 207 p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

RODRIGUES, L. **Contingente de idosos residentes no Brasil aumenta 39,8% em 9 anos**. Rio de Janeiro: Agência Brasil, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-07/contingente-de-idosos-residentes-no-brasil-aumenta-398-em-9-anos#:~:text=Em%20n%C3%BAmeros%20absolutos%2C%20s%C3%A3o%2031,Brasil%20aumentou%2039%2C8%25>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SANTANA, A. P. Idade crítica para aquisição da linguagem. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 16(3), p. 343-354, 2004 .

SARDO, C. E. **A afetividade como argumento para o aprendizado de línguas estrangeiras na terceira idade**. 2007. 169 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.



SÉ, E. V. G.; QUEROZ, N.C.; YASSUDA, M.S. O envelhecimento do cérebro e a memória. *In:* NERI, A. L.; YASSUDA, M.S. (orgs.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos.** Campinas: Papyrus, 2004. p. 109-110, cap. 8.